

A visão da equipe de enfermagem a respeito da importância das ações de educação continuada para prevenção e o controle de infecção hospitalar¹

The nursing team's view concerning the importance of continuing education actions to prevent and control nosocomial infections.

La visión del equipo de enfermería en lo que se refiere a la importancia de las acciones de educación continua para la prevención y el control de infección hospitalar.

Siton Gabriela; Santos Lucinete Ferreira; Silva Tatiany Cristina Pereira²; Brasileiro Marislei Espíndula Brasileiro³. A visão da equipe de enfermagem a respeito da importância das ações de educação continuada para prevenção e o controle de infecção hospitalar. Revista Eletrônica de Enfermagem [serial on-line] 2007 jan-jul 1(1) 1-16. Available from: http://www.ceen.com.br/revista_eletronica.

Resumo

Objetivo: analisar a visão da equipe de enfermagem a respeito da importância das ações de educação continuada, para a prevenção e o controle de infecção hospitalar. Materiais e Método: Estudo descritivo e qualitativo. Pesquisou-se 16 profissionais de enfermagem, em um hospital público de médio porte, referência em atendimento materno-infantil, no Município de Goiânia-GO, em 2006. Resultados: após análise das entrevistas, percebeu-se que a visão da equipe de enfermagem em relação à educação continuada está associada à busca pelo conhecimento e à melhoria da qualidade do cuidar em enfermagem. O fazer em educação continuada possui fatores favoráveis à sua implementação, porém diversas dificuldades são encontradas. Para a prevenção e o controle de IH é necessária a adesão de medidas preventivas e a busca de apoio. Este apoio pode ser em livros, colegas, chefia e principalmente a CCIH. Conclusão: faz-se necessária a sensibilização dos profissionais para a importância da educação continuada e, principalmente, colocar em prática os conhecimentos adquiridos, para a prevenção e o controle da infecção hospitalar.

Descritores: Enfermagem; educação continuada; controle de infecção hospitalar.

Abstract

¹ Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Controle de Infecção Hospitalar do Centro de Estudos em Enfermagem e Nutrição / CEEN/UCG. Disponível em www.ceen.com.br

² Enfermeiras, especialistas em Controle de Infecção Hospitalar, e-mail: gabrielasiton@gmail.com, evoluservic@terra.com.br, tatianycristina@yahoo.com.br

³ Mestre em Enfermagem, docente do CEEN, e-mail: marislei@cultura.trd.br

This study aimed at analyzing the nursing team's view concerning the importance of continuing education actions to prevent and control nosocomial infections. Method: Study descriptive and qualitative. 16 staff members were researched in a public big-sized hospital, reference in maternal and child service in the municipality of Goiânia- GO, in 2006. Results and Discussion: After the interviews being assessed we could notice that the nursing team's view concerning continuing education is related to the search of knowledge and nursing care quality improvement, also that the practice in continuing education has favorable factors towards implementation, but several difficulties are found. In order to prevent and control nosocomial infections it is necessary the adherence to preventive measures as well as seeking for support such as books, staff members mainly from those involved in controlling nosocomial infections. Final considerations: We noticed that it is necessary to sensitize professionals to the importance of continuing education, and mainly, bring to practice the acquired knowledge to prevent and control nosocomial infections.

Descriptors: Nursing; Continuing Education; Nosocomial Infections Control.

Resumen

Objetivo: analizar la visión del equipo de enfermería, en lo que respecta a la importancia de las acciones de educación continua, para la prevención y el control de la infección hospitalar. Metodología: este estudio descriptivo y cualitativo fueron investigados 16 profesionales de enfermería en un hospital grande y de renombre en atendimento materno-infantil, en el Município de Goiânia – GO, en 2006. Resultados: después de analizar las entrevistas, vimos que la visión del equipo de enfermería relacionado a la educación continua está asociada a la búsqueda del conocimiento y la mejoría de la calidad de los cuidados en enfermería y también, el que hacer, en educación continua posee factores favorables para la implementación, sin embargo, varias dificultades fueron encontradas. Para la prvencción y el control de IH es necesaria la adhesión de medidas preventivas y la búsqueda de apoyo. Conclusiónes: este apoyo puede se a través de libros, colegas, jefes y principalmente el CIH (Control de Infección Hospitalar). Vimos también que es necesaria la sensibilización de los profesionales en lo que se refiere a la importancia de la educación continua y principalmente, poner en práctica los conocimientos adquiridos para la prevención y el control de la infección hospitalar.

Descritores: Enfermería, educación continua, control de infección hospitalar.

1 Introdução

A prevenção e o controle de infecção deve fazer parte da filosofia da formação dos profissionais da área da saúde e do processo de educação continuada durante o exercício profissional, viabilizando a necessária atualização permanente dos profissionais ⁽¹⁾.

Um serviço de educação continuada atuante pode conduzir à melhoria da assistência de enfermagem, promover melhores condições de trabalho e, conseqüentemente, maior satisfação no serviço ⁽²⁾.

A IH representa um dos principais problemas da qualidade da assistência, em saúde. Problema econômico devido à importante incidência e letalidade significativas, assim como os custos diretos, além dos custos indiretos, como os representados pela impossibilidade de retorno ao mercado de trabalho e os custos inatingíveis ou difíceis de se avaliar economicamente, como: os distúrbios provocados pela dor, mal-estar, isolamento, enfim, pelo sofrimento experimentado pelo paciente⁽³⁾.

A história das doenças e das causas de morte são tão antigas quanto a própria espécie humana. Provavelmente, nossos ancestrais sofriam das mesmas moléstias e lesões dos primatas selvagens: artrite, malária, hérnias, doenças parasitárias, fraturas de ossos e dentes. Evidências de infecção foram encontradas em ossos de animais pré-históricos e humanos, e em partes moles das múmias. O tratamento das doenças na medicina primitiva, era baseado fundamentalmente na crença do sobrenatural e no poder da magia⁽⁴⁾.

Com a necessidade de segregar os doentes (surgimento dos hospitais) ocorreu também a preocupação com a prevenção e o controle de infecção. A IH é uma ameaça à segurança dos pacientes hospitalizados, pois eleva as taxas de morbi-mortalidade, aumenta os custos de hospitalização, por prolongar a permanência, e aumenta o tempo de afastamento do paciente do seu trabalho⁽⁵⁾.

Hipócrates (460-370 a.C.) já distinguia a cicatrização primária da secundária, e recomendava a limpeza das mãos e das unhas, antes das cirurgias e o uso de água fervida e vinho, no cuidado das feridas⁽⁵⁾.

Ignaz Philipp Semmelweis, médico húngaro, atuou na Clínica Obstétrica do Hospital Geral de Viena, e observou que a taxa de mortalidade da clínica obstétrica dos estudantes de Medicina era quase o triplo da taxa da clínica das parteiras. Concluiu que a febre puerperal que causava a morte de várias mulheres era devido à introdução de "partículas cadavéricas no sistema sanguíneo vascular", pois os estudantes de Medicina circulavam livremente entre as salas de

necrópsia e a enfermaria, e suas mãos carregavam material cadavérico da sala de necrópsia, para a mulher, durante o toque e o parto. Em maio de 1847, Semmelweis tornou compulsória a lavagem das mãos para médicos, estudantes de Medicina e os profissionais de Enfermagem. Esse gesto simples reduziu a mortalidade materna de 12,24% para 1,89%. Semmelweis, após observação, concluiu que qualquer material orgânico em decomposição, proveniente de organismo vivo poderia produzir febre puerperal, tornando obrigatória a lavagem das mãos entre cada paciente examinada. Com base em fundamentos epidemiológicos, talvez tenha sido esta a primeira medida profilática estabelecida, em forma de rotina escrita, em uma instituição de ensino na área da saúde^(1, 4, 6).

A Enfermeira Florence Nightingale atuou no hospital de base de Scutari, durante a guerra da Criméia (1853 - 1856), onde as condições eram péssimas. Instalou uma lavanderia, melhorou as condições higiênico-sanitárias dos ambientes. Com essas medidas, as taxas de mortalidade que eram de 427 por 1000 foram reduzidas a 22 por 1000, em 4 meses^(4, 6).

Acreditava-se que a infecção poderia ser causada pela penetração do ar nocivo nas feridas. Com seus estudos, Lister procurou melhorar a higienização das mãos, a desinfecção dos instrumentais e campos cirúrgicos. Charles Chamberland em 1883, criou a autoclave para esterilização por calor úmido sob pressão⁽⁴⁾.

William S. Halsted (1852 - 1922), ilustre cirurgião de Nova York e, um dos pioneiros da anestesia local, muito preocupado com a assepsia em cirurgia, foi o grande inovador no combate às infecções da ferida operatória. Como os anti-sépticos eram muito irritantes para as mãos, solicitou a uma empresa em 1889, a confecção de dois pares de luvas de borracha flexíveis e resistentes. Inicialmente, a finalidade era proteger os médicos e a partir de 1890 as luvas passaram a ser usadas também para proteção dos pacientes⁽⁴⁾.

A prevenção e o controle de infecção devem fazer parte da filosofia da formação dos profissionais da área da saúde e do processo de educação continuada, viabilizando a necessária atualização permanente. "Não resolvemos o problema básico, vivenciado por Semmelweis, que envolve as condições dos recursos humanos nas instituições de saúde, seu preparo e sua conscientização. Frequentemente, estudos vêm demonstrando a baixa adesão dos profissionais da área de saúde às medidas preventivas"⁽¹⁾.

Para que o controle de infecção hospitalar (IH) seja eficaz é necessário rever o processo de educação continuada ou educação corporativa, como também é conhecida, no interior das instituições hospitalares. Para tanto, é preciso conhecer quais são as falhas de conduta e os motivos que levam a equipe a não adesão das medidas de controle de infecção, sensibilizando

assim cada funcionário e, mostrando sua importância para que a infecção seja controlada, dentro da instituição de saúde.

A Infecção Hospitalar (IH) provavelmente está relacionada a falhas no processo de educação continuada que envolve a equipe de enfermagem.

As atividades de educação continuada efetivamente desenvolvidas constituem-se em uma das formas de assegurar a manutenção da competência da equipe de enfermagem em relação à assistência de enfermagem⁽⁷⁾.

O interesse em pesquisar a visão da equipe de enfermagem a respeito da importância das ações de educação continuada, para prevenção e o controle de infecção hospitalar, surgiu após observação, no cotidiano do trabalho das pesquisadoras, de falhas de condutas entre profissionais de enfermagem. Algumas das ações são desprovidas de preocupação em relação à prevenção e controle de infecção, provavelmente, por falta de informação ou simplesmente pela não implementação do conhecimento adquirido.

Diante disso surgem os seguintes questionamentos:

- Qual é a visão da equipe de enfermagem a respeito da educação continuada, para a prevenção e o controle de IH?
- Quais as dificuldades que a equipe de enfermagem encontra, para as práticas de educação continuada?

Estudos dessa natureza poderão contribuir para a produção de novos conhecimentos e reflexões sobre a educação continuada utilizada em ambiente hospitalar pela equipe de enfermagem, pois facilitará a análise de sua postura diante das medidas preventivas às IH e os motivos pelos quais a Enfermagem não adere aos conhecimentos oferecidos por este processo.

2 Objetivo

Compreender a visão da equipe de enfermagem a respeito da importância das ações de educação continuada para a prevenção e o controle de IH.

3 Materiais e Método

O estudo é descritivo e qualitativo, o qual auxilia o pesquisador na formulação de problemas, na construção de hipóteses e na definição de conceitos, com vistas à fundamentação teórica da pesquisa. Estudos qualitativos são úteis, quando se pretende detectar dados

subjetivos. O pesquisador procura captar a situação ou fenômeno em toda a sua extensão, colhe informações e examina cada caso separadamente^(8, 9).

A pesquisa qualitativa “pretende provocar o conhecimento de uma situação e a tomada de consciência pelos próprios pesquisados, de seus problemas e das condições que os geram, levando-os a buscar meios e estratégias para a sua solução”⁽¹⁰⁾.

Após a transcrição literal dos depoimentos dos sujeitos, seguida de leituras vertical e horizontal de cada resposta, buscando no conteúdo central a essência das falas, realizamos a análise dos dados com base na Análise de Conteúdo preconizada por Bardin⁽¹¹⁾. A categorização ocorreu mediante a identificação da essência comum das falas dos sujeitos.

O estudo foi realizado em um hospital público de médio porte, referência em atendimento materno-infantil (urgência e emergência em neonatologia, pediatria, obstetrícia e ginecologia).

Os sujeitos da pesquisa foram membros da equipe de enfermagem do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar – SCIH/CCIH, do Pronto Socorro de Pediatria, UTI Materna e UTI Neonatal e Pediátrica, que foram convidados após autorização de um Comitê de Ética. Os informantes foram abordados aleatoriamente para a entrevista de acordo com a disponibilidade de tempo e aquiescência em participar, momento no qual nos dirigimos a um espaço reservado na clínica de trabalho, sendo que as entrevistas foram feitas individualmente.

As informações foram coletadas pelas pesquisadoras em discurso oral, face a face, mediante o uso de gravador, após assinatura do Termo de Consentimento Informado.

Todos os entrevistados foram informados sobre os objetivos e o aspecto voluntário da participação, com preservação do anonimato e o direito de se retirar do estudo sem sofrer qualquer pressão ou prejuízo. Isto foi feito em cumprimento à Resolução 196/96, e também para se reconhecer que a pesquisa, é antes de tudo, uma forma de ver o mundo e evidenciar o respeito profundo pelas pessoas⁽¹²⁾.

Entrevistamos homens e mulheres que obedeciam a dois critérios: fossem membros da equipe de enfermagem e concordassem em participar da pesquisa. As entrevistas foram realizadas até alcançarmos a repetição das falas que nos sinalizava exaustão da coleta de dados, sem número pré-definidos de sujeitos.

O presente estudo apresentou as seguintes questões norteadoras:

- A equipe de enfermagem participa dos processos de educação continuada?

- Existem fatores favoráveis na implantação da educação continuada?
- Como pode ser melhorado o processo de educação continuada para a prevenção e o controle de infecção, nesta instituição?

4 Resultados e Discussão

Foram entrevistados sete enfermeiros, sendo um do SCIH/CCIH. Dos sete, um é do sexo masculino e seis do feminino. A idade oscilou entre 23 e 53 anos, com média de 35 anos. Três enfermeiros eram graduados e quatro pós-graduados, sendo: um especialista em Nefrologia, um em UTI, um em Saúde da Família e um está cursando mestrado. O tempo de atuação na profissão variou de 1 ano e 10 meses a 22 anos, com média de 10 anos.

Foram entrevistados cinco T.E. e quatro A.E., todos do sexo feminino. A idade compreendida foi entre 30 e 62 anos, com média de 47 anos. O tempo de atuação variou de 1 ano e 4 meses a 26 anos, com média de 13 anos.

Surgiram então, três categorias principais com suas respectivas subcategorias, eis-las:

- A visão da educação continuada: "*A busca pelo conhecimento*"; "*Melhoria da qualidade do cuidar em enfermagem*"
- O Fazer Educação Continuada: "Fatores favoráveis à implementação" e "Dificuldades encontradas"
- Prevenção e Controle de Infecção Hospitalar: "*Adesão às Medidas Preventivas*" e "*Onde buscar apoio*"

4.1 A visão da educação continuada

Nesta categoria, agrupamos as respostas dos sujeitos que se referem à Educação Continuada, como: importante para o aprimoramento de conhecimentos e conseqüentemente melhoria do processo de trabalho de enfermagem, na assistência aos usuários.

Sob este ponto de vista, emergiram as seguintes subcategorias: "*A busca pelo conhecimento*" e "*Melhoria da qualidade do cuidar em enfermagem*".

4.1.1 A busca pelo conhecimento

Os informantes disseram que os conteúdos trabalhados, nas ações de educação continuada, favorecem o aprendizado e a atualização de conteúdos técnico-científicos relacionados ao saber em enfermagem.

As falas mostram:

"...a importância de estar sempre aprendendo e saber que o processo de aprender ..., é dinâmico." (E5);

"...a educação continuada contribui para conscientização e atualização dos profissionais, no setor em que trabalham. Amplia a visão sobre os assuntos trabalhados..." (E4);

"...participo para que eu me atualize e melhore o meu lado profissional." (A/T 2);

"...acho importante para melhorar conhecimentos." (A/T3)

"Sempre que tenho oportunidade eu participo, porque na saúde tudo se renova a cada dia". (A/T 7)

A educação continuada consiste em um processo de aperfeiçoamento e atualização de conhecimentos, visando melhorar a capacitação técnica e cultural do profissional, seja na própria unidade ou em outro local⁽¹³⁾.

O seu principal objetivo é evitar que o profissional se desatualize técnica, cultural e profissionalmente, e perca a capacidade de exercer suas atividades com competência e eficiência, causando desprestígio à profissão, além do sentimento de incapacidade profissional. Educação continuada é, portanto, o conjunto de práticas educacionais planejadas, para promover oportunidades de desenvolvimento do funcionário, com a finalidade de ajudá-lo a atuar mais efetiva e eficazmente na sua vida institucional⁽¹⁴⁾.

4.1.2 Melhoria da qualidade do cuidar em enfermagem

Os depoimentos dos sujeitos mencionam que a educação continuada favorece a melhoria da qualidade do cuidar em enfermagem, pois o profissional passa a atuar de acordo com os avanços técnico-científicos exigidos para o desempenho de assistência com qualidade, sentindo-se capaz de executar estas ações com o próprio trabalho.

As falas revelam:

"Sim, ela é essencial para o bom funcionamento do setor, melhoria do atendimento, do relacionamento interpessoal e do próprio trabalho do funcionário que além de tudo se sente melhor assistido pela instituição." (E1)

"Sim, porque oferece... qualidade no tratamento do paciente. " (E6)

"Sempre que tenho oportunidade eu participo porque na saúde tudo se renova a cada dia". (A/T 7)

"... nós como profissionais sabemos que a cada dia devemos fazer um processo de reabilitação para procurar... fazer as técnicas corretas." (A/T 8).

"... é válido e importante para melhor desempenho do meu papel como auxiliar de enfermagem." (A/T 9).

A educação continuada para a enfermagem representa aquisição e reflexão progressiva de conhecimentos e competências, e que só poderá ser reconhecida à medida que a qualidade do cuidado prestado ao cliente seja efetivada através de uma assistência sistematizada e com qualidade, permitindo que a equipe de enfermagem sintam-se valorizada e motivada a desempenhar bem suas atribuições profissionais.

A educação continuada atuante promove melhoria da assistência de enfermagem, satisfação no serviço e propicia as condições de trabalho na busca de um objetivo comum, através da identificação de problemas, insatisfações, necessidades e a utilização de meios e métodos para saná-los⁽²⁻¹⁵⁾.

Na educação continuada, a troca de experiências, entre educando e educador, é de fundamental importância. Deve ser contínua e permanente, envolvendo toda a equipe. Na Enfermagem, deve enfatizar sempre a melhoria da assistência ao paciente/cliente.

Temos observado que o avanço da tecnologia tem ajudado sensivelmente as profissões. Na Enfermagem, existe um ponto importante que torna a profissão muito especial: o relacionamento humano. Para que este relacionamento acompanhe o desenvolvimento tecnológico, torna-se necessário um processo de educação para os profissionais, tornando-os mais qualificados e elevando de certa forma a qualidade da assistência⁽¹⁵⁾.

4.2 O fazer educação continuada

Nesta categoria, reunimos os depoimentos da maioria dos informantes referindo que a implementação das ações de educação continuada apresenta aspectos favoráveis para a sua execução. Entretanto, alguns disseram que há fatores que dificultam o fazer destas ações. Desta forma emergiram as seguintes subcategorias: *"Fatores favoráveis à implementação"* e *"Apesar das dificuldades"*.

4.2.1 Fatores favoráveis à implementação da educação continuada

A visão da equipe de enfermagem mostra que há necessidade da implantação contínua das ações de educação continuada. A realização dos procedimentos de enfermagem, de maneira correta, depende do aprendizado e conscientização de cada profissional a respeito destas ações, as quais devem permear os conteúdos sobre a prevenção e o controle das I.H.

Revelam as falas:

"Os servidores deveriam receber incentivos, para realizar os cursos que devem ser ministrados em vários horários e dias diferentes." (E1)

"O processo de educação continuada pode ser melhorado com a promoção de cursos, com temas diversos." (E2)

"Estar sempre reunindo os profissionais e passando normas, rotinas e dados sobre os índices de infecção hospitalar, no local de trabalho, assim, alertando os profissionais quanto ao seu papel na prevenção." (E5)

Para que este comportamento seja mudado, faz-se necessária à educação continuada que seria o conjunto de atividades que, em situações de ensino no interior dos serviços, nas escolas e na comunidade, teria por função mudar comportamentos, crenças e atitudes prejudiciais à saúde⁽¹⁶⁾.

Os fatores mais influentes na aprendizagem e nas mudanças são: a prática constante e o conhecimento atualizado, acrescido da especialização clínica, criando no indivíduo-funcionário necessidades de adaptação e reorientação em suas atividades⁽¹⁵⁾.

Na instituição participante deste estudo, a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (C.C.I.H.), atua desde 1996. Dentre suas funções está: a promoção de cursos de atualização, com temas variados. Semanalmente, promove cursos sobre Prevenção e Controle de Infecções Hospitalares para: os funcionários que são admitidos pela instituição; alunos de cursos auxiliar, técnico e superior de Enfermagem; internos e residentes do curso de Medicina. Informantes mencionaram a tais cursos, como ações importantes de educação continuada:

"... campanha de higienização das mãos; aspectos legais na prevenção e controle de infecções; biossegurança na área hospitalar; imunização do profissional da área de saúde; atendimento ao acidente ocupacional com material biológico; tratamento avançado de feridas; manuseio dos resíduos de serviços de saúde; uso racional de antimicrobianos; atendimento ao paciente em suspeita de dengue; treinamentos em setores mais específicos, tais como: lavanderia, serviço de limpeza, laboratórios, nutrição, entre outros..." (E/SCIH)

"... fazemos... curso de I.H. e outras palestras, englobando tudo sobre enfermagem e o paciente ". (A/T8)

As atividades de educação continuada citadas foram: palestras, treinamentos em grupos e individuais, curso para atualizações e demonstrações de técnicas, evidenciando assim, a sua relevância para a assistência à saúde.

A educação continuada deve ser um processo que propicie conhecimentos, para a execução adequada do trabalho e, que prepare o trabalhador para futuras oportunidades de ascensão profissional, permitindo o acompanhamento das mudanças que ocorrem na profissão, visando mantê-lo atualizado, favorecendo o seu desenvolvimento e participação eficaz na vida institucional. Neste sentido, deve acompanhar o profissional desde a sua inserção, fazendo-o adaptar-se ao trabalho, e dando-lhe condições de prosseguir na sua performance profissional, mantendo sua prática relevante e orientada, valorizando o seu fazer diário, transformando-o em trabalho de comunicação científica⁽¹⁵⁾.

4.2.2 Dificuldades encontradas para a implementação da educação continuada

Nesta subcategoria, há um relato que expõe as dificuldades para o trabalho em educação continuada, devido à falta de incentivos, para: locomoção de funcionários fora do horário de trabalho, da não-contabilidade da carga horária dos treinamentos como horas trabalhadas na instituição e também, para ascensão no Plano de Cargos e Salários.

"...a gente tem dificuldade do pessoal vir fora do horário de trabalho. No horário de trabalho às vezes é tumultuado para você estar tirando o pessoal para fazer a educação continuada...e a instituição não oferece nada para facilitar o pessoal estar vindo... , ter um passe de ônibus para ele vir, porque tem profissional que até para vir trabalhar tem dificuldade de locomoção, para pegar ônibus. Eu acho que seria determinar também pela instituição que a carga horária seja contada ... como carga horária mensal. Outro fator seria ter no plano de cargos e salários cada treinamento que o profissional fizer, ele ter um incentivo como em outras instituições..."

(E 3)

Para o desenvolvimento da educação continuada, as barreiras e dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros são: a falta de recursos materiais, humanos e didáticos, falta de motivação e reconhecimento por parte dos profissionais de enfermagem, o acúmulo de trabalho, a falta de consciência da direção de enfermagem e das instituições, dificultando aos profissionais o acesso para realização desses cursos. Proporcionar programas de educação continuada que atendam o

uso eficiente de tecnologia avançada têm se tornado um desafio, para a possibilidade de mudanças nas atividades desenvolvidas e nas estruturas organizacionais das instituições ⁽¹⁶⁾.

4.3 Prevenção e Controle de Infecção Hospitalar

Nesta categoria, agrupamos as respostas dos sujeitos que se referem às suas ações para a prevenção e controle de IH. Diante disto, emergiram duas subcategorias: "*Adesão às medidas preventivas*" e "*Onde buscar apoio*".

4.3.1 "*Adesão às medidas preventivas*"

Para os entrevistados, muitas de suas ações refletem no índice de IH, daí a necessidade da capacitação constante.

"...as ações poderão diminuir o índice de infestação de doenças, eu como profissional da UTI, uso sempre E.P.I., roupa privativa, cabelo preso, sapato fechado e sempre lavo as mãos porém, uso brinco, corrente. As medidas preventivas de IH são necessárias, tanto quanto os E.P.I. Considero que, como enfermeiros, devemos trabalhar em prol da diminuição ou mesmo ausência da IH dentro das nossas unidades, servindo de exemplo aos outros funcionários." (E 5)

"A gente acaba negligenciando mesmo, mas o uso de máscaras, de E.P.I., eu particularmente tenho tido este cuidado e tenho cobrado também mas E.P.I. por exemplo eu não uso completo, óculos protetor facial eu não uso." (E3)

"Com relação ao controle de IH, vejo a lavagem correta das mãos, como um fator primordial e não só os técnicos de enfermagem, mas também outros profissionais da saúde (enfermeiros, médicos, fisioterapeutas...) não seguem esta norma. Logo, tanto os técnicos de enfermagem e outros profissionais não contribuem e não atuam no controle de IH. Acredito que todos os enfermeiros sabem o que fazer para evitar a IH porém, muitas vezes, não a executam por motivo da instituição em que trabalham que obriga o profissional a economia do material e a improvisos inadequados." (E 2)

"A partir de hoje, 15 de maio de 1847, todo estudante ou médico é obrigado, antes de entrar nas salas de Clínica Obstétrica, a lavar as mãos com uma solução de ácido clórico, na bacia colocada na entrada. Essa disposição vigora para todos, sem exceção⁽⁶⁾."

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos alcançados no século XX, eles não nos colocam em situação muito diferente da época de Semmelweis, no que se refere à adesão a medidas simples de controle de infecção, como a lavagem das mãos por ele proposta⁽¹⁾.

Talvez por falta de tempo, sobrecarga de trabalho e falta de compromisso. Muitas vezes acham que sabem, porém ao se tornarem "tarefeiros", não estudam sobre o assunto para conhecerem novos estudos e desafios na profissão. Nem sempre os protocolos propostos pela C.C.I.H. são discutidos com os profissionais que executam as atividades. Estas discussões devem ser rotineiras porque sempre haverá dúvida e também novas propostas. (E/SCIH1)

Não resolvemos o problema básico vivenciado por Semmelweis que envolve as condições dos recursos humanos nas instituições de saúde, seu preparo e sua conscientização. Frequentemente, estudos vêm demonstrando a baixa adesão dos profissionais da área de saúde às medidas preventivas⁽¹⁾.

Por que profissionais da área da saúde não aderem às práticas preventivas comprovadamente efetivas? No conjunto, vários fatos indicam a necessidade de um investimento anterior à prática profissional, a formação profissional, que tem se mostrado insuficiente quanto ao ensino e à prática do controle de infecção. Outro ponto preponderante diz respeito à nossa cultura, crenças e valores. A mudança de comportamento é processo, e, certamente, vários fatores interferem diretamente na aceitação de normas técnicas preventivas e de segurança, bem como na preservação do meio ambiente⁽¹⁾.

4.3.2 "Onde buscar apoio"

Ao serem questionados sobre onde buscam apoio quando necessário, grande parte dos entrevistados citou a C.C.I.H., seguido de outros colegas, livros e chefia imediata.

"Busco apoio com outros enfermeiros, C.C.I.H. e chefia de enfermagem." (E1)

"Procuro apoio com colegas mais experientes e em livros." (E2)

"Com minha coordenação direta." (A/T 1)

Em 1992, foi promulgada a Portaria 930, do MS, que regulamenta a vigilância e o controle das IH no país. Essa Portaria determina que todos os hospitais mantenham um programa de controle de IH, com um conjunto de ações desenvolvidas, deliberadas sistematicamente, com vistas à redução máxima possível da incidência e da gravidade das IH ⁽³⁾.

No hospital em que foi realizada a pesquisa, a C.C.I.H. atua desde 1996. Dentre suas funções está a promoção de cursos de atualização anualmente, com temas variados. Além disso, promove curso semanal sobre C.I.H. ministrado para os funcionários que são admitidos pela

instituição; para os alunos de curso auxiliar, técnico e superior de enfermagem; internos e residentes de medicina, por se tratar de um hospital-escola.

"Os membros do Serviço de Controle de Infecção atua de maneira contínua e integrada com a C.C.I.H. Devem ser realizadas reuniões técnicas com os profissionais envolvidos no cuidado ao cliente e discutir os protocolos implantados." (E/SCIH 1)

Historicamente, sempre existiram grupos específicos trabalhando com o controle de infecção, sendo, sob muitos aspectos, imprescindíveis, como os Serviços ou as Comissões de Controle de Infecção Hospitalar, cuja atuação também se reflete no ensino na medida que implementam rotinas e promovem a educação continuada nessa área⁽¹⁾.

5 Considerações finais

Com este estudo observamos que a prevenção e o controle de infecção hospitalar é papel de todos os integrantes da equipe multidisciplinar e não somente do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar / Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (SCIH/CCIH). Por isso, faz-se necessário a sensibilização dos profissionais para a importância da educação continuada e principalmente colocar em prática os conhecimentos adquiridos.

A visão da educação continuada está associada à busca pelo conhecimento e à melhoria do cuidar em enfermagem, que o fazer "educação continuada" apresenta fatores favoráveis à implementação, embora haja evidentes dificuldades.

Todos os envolvidos, neste estudo, corroboram quanto aos fatores favoráveis da implantação da educação continuada, todavia o processo deve ser melhorado pela realização de cursos diversificados.

Existem, no programa anual da CCIH, propostas de educação continuada para a equipe de enfermagem com temas variados. Dentre eles: Campanha Anual de Higienização das Mãos; Curso de Tratamento Avançado de Feridas; Curso de Manejo e Manuseio de Resíduos de Serviços de Saúde; Curso de uso racional de antimicrobianos em pediatria e gineco-obstetrícia; Capacitação aos profissionais de higienização e limpeza; Curso Introdutório à Prevenção e Controle de Infecção Hospitalar, dentre outros. Este último é ministrado a todos os profissionais recém admitidos e estagiários antes de iniciarem suas atividades no nosocômio. Os profissionais já atuantes devem fazê-lo anualmente ⁽¹⁷⁾.

A atuação da CCIH é contínua, observamos que, apesar dos diversos cursos de atualização promovidos e pela constante assessoria aos setores, os profissionais ainda não se sensibilizaram quanto à importância de suas adesões à prevenção e controle da IH.

Segundo os entrevistados, infere-se que haja maior rigor da CCIH quanto à execução de educação continuada para a prevenção e controle de IH.

6 Referências

- ¹ Tipple AFV, et al. O ensino do controle de infecção: um ensaio teórico-prático. Rev. Latino-Am. Enfermagem 2003; 11 (2): 245-250.
- ² Silva ALC et al. Reativação do serviço de educação continuada da Divisão de Enfermagem do Hospital Prof. Edgard Santos – Relato de experiência. Rev. Brasileira de Enfermagem 1986; 39 (1): 71-78.
- ³ Silva RF. A infecção hospitalar no contexto das políticas relativas à saúde em Santa Catarina. Rev. Latino-Am. Enfermagem 2003; 11 (1): 108-114.
- ⁴ Rodrigues EAC, et al. IH: prevenção e controle. São Paulo (SP): Sarvier; 1997.
- ⁵ Pereira MS, Moriya TM, Gir E. Infecção hospitalar nos hospitais escola: uma análise sobre seu controle. Latino. Rev -Am. Enfermagem 1996; 4 (1): 145-162.
- ⁶ Fernandes AT, Fernandes MOV, Filho NR. Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde. São Paulo(SP): Editora Atheneu; 2000; I:95-105.
- ⁷ Koizumi MS, et al. Educação continuada da equipe de enfermagem nas UTIs do Município de São Paulo. Rev.latino-am.enfermagem 1998, 6 (3): 33-41.
- ⁸ Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo (SP): Editora Atlas; 1995.
- ⁹ Alves M. Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro (RJ): Campus; 2003.
- ¹⁰ Cordeiro D. Ciência, pesquisa e trabalho científico: uma abordagem metodológica. Goiânia (GO): UCG; 1999.
- ¹¹ Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1997.

¹² Brasil. Ministério Nacional da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética* 1996; 4(2):15-25.

¹³ Mundim APF. Desenvolvimento de produções e educação corporativa. São Paulo (SP): Atlas; 2002.

¹⁴ Silva DR. Educação corporativa. São Paulo (SP): Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado; 2006. Disponível em: <http://www.fecap.br/PortalNovo/Index.asp> Acesso em 09 de jan 2007.

¹⁵ Davim RMB, Torres GV, Santos SR. Educação continuada em Enfermagem: conhecimentos, atividades e barreiras encontradas em uma maternidade escola. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* 1999; 7 (5): 43-50.

¹⁶ Ramos CL, Melo JAC, Soares JCRS. In: Costa NR, et al. Demandas populares, políticas públicas e saúde. Petrópolis(RJ): Vozes; 1989: 145-64.

¹⁷ Goiás. Secretaria Estadual de Saúde. Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Hospital Materno Infantil. Programa de Controle de Infecção Hospitalar. 2007.

Ofício 01/2007

A Revista Eletrônica de Enfermagem e Nutrição

A/C.: Renata Vieira França

Vimos por meio deste, encaminhar nosso artigo cujo título é "A visão da equipe de enfermagem a respeito da importância das ações de educação continuada para prevenção e o controle de infecção hospitalar", a fim de ser avaliado e publicado pela Comissão Editorial.

Eu, Marislei Espíndula Brasileiro, Enfermeira, residente na Rua T-37 nº 3832, Edifício Capitólio, apto 404, Setor Bueno – Goiânia/GO, e-mail: marislei@cultura.trd.br , fone: (62) 3255 4747, assino autorizando sua publicação.

Eu, Gabriela Siton, Enfermeira, residente na 11ª Avenida nº 1155, Setor Universitário – Goiânia/GO, e-mail: gabrielasiton@gmail.com, fone: (62) 3261-4929, assino autorizando sua publicação.

Eu, Lucinete Ferreira dos Santos, Enfermeira, residente à Rua T-61 nº 305 Ed. Astor, apto 800, Setor Bueno- Goiânia / Go, e-mail: evoluservic@terra.com.br, fone: (62) 3259-8862, assino autorizando sua publicação.

Eu, Tatiany Cristina Pereira Silva, Enfermeira, residente na Rua 13 Qd 33 Lt 05 Vila Santa Helena - Goiânia / GO, e-mail: tatianycristina@yahoo.com.br, fone: (62) 3292-3762, assino autorizando sua publicação.

Sem mais para o momento, agradecemos.